

SURPRESAS NO MEIO ACADÊMICO: um exemplo de como não fazer doutorado.

Florisa Brito

Aconteceu numa cidade muito longe / muito longe daqui

Que tem problemas que parecem os problemas daqui.

(Marcelo D2 / Leandro Sapucahy)

Trata-se de uma história que eu sei; que aconteceu com alguém que conheço; numa universidade que frequentei.

Alguém que concluíra o mestrado, com “menções de distinção e louvor”, inscreveu-se para a seleção de doutorado no mesmo Programa de Pós-graduação. Poderia ter permanecido na mesma linha de pesquisa, *como manda a natureza...* – alguns simplesmente aproveitam as sobras da pesquisa anterior, incrementando um pouco a receita do mesmo prato; mesmo que resulte insípido e inconsistente, via de regra, engole-se.

Mas, não! Com a pretensão de diversificar os conhecimentos, ousou optar por outra linha; pesando ideias, negligenciou a medida das pessoas. Ingentemente, supunha que, se o projeto não convencesse, ou não se mostrasse afinado com o que estava sendo desenvolvido naquela linha, seria recusado; simples assim. Mas, nas sábias palavras dos Engenheiros do Hawaii, “o preço que se paga / às vezes / é alto demais”.

Por ocasião do mestrado, diga-se de passagem, as condições de sobrevivência (própria e de dependentes) foram duríssimas, e não havia bolsas; começaram a surgir a partir da próxima turma, não por acaso, mas em consequência de uma coordenação eficiente e de certo número de alunos comprometidos e também eficientes. Já, ao inscrever-se para o doutorado, embora as condições (de sobrevivência) estivessem um pouco melhores, almejava concorrer a uma bolsa, com o intuito de poder dedicar mais tempo à pesquisa.

Vencidas, com excelente classificação, as primeiras etapas da seleção para o doutorado, restava a entrevista, com avaliação do projeto (seja lá como se denomine, ou se denominava isso); momento para o qual previa uma das duas possibilidades, sim ou não. Porém, antes, **primeira surpresa**: quem entrevistou não foi o(a) professor(a) pleiteado(a) como orientador(a); assim, não houve oportunidade de receber diretamente o aceite ou a recusa, críticas, recomendações... ou de captar, nas entrelinhas, quaisquer indícios do rumo que as coisas iriam tomar. Foi outro(a) professor(a) e, desafortunadamente (casualmente?), a quem jamais pleitearia qualquer mínimo contato, considerando o tratamento hostil que recebera do(a) mesmo(a) em épocas anteriores, sem razão plausível.

A pretensa entrevista, que não se pautou em argumentos acadêmico-científicos, mas consistiu, basicamente, em afirmações como “isso não é projeto... isso não é tema de pesquisa... você não é candidato(a)...”, deixou uma quase certeza de que o resultado seria a reprovação; e a certeza absoluta de que não havia sido entrevista nem avaliação. Pois bem, saiu o resultado e, em vez de reprovação, apenas o rebaixamento na classificação; esta foi a **segunda surpresa**.

Próximo capítulo: o(a) orientador(a), naturalmente sempre muito ocupado(a), levou um bom tempo para possibilitar um primeiro contato, superficial. Os contatos subsequentes consistiram, basicamente, em determinações, sempre acatadas, sobre eventos nos quais participar; e sobre alterações de objetivos/objeto de pesquisa, também acatadas. Enquanto isso, as obrigações iam sendo devidamente cumpridas e o projeto, apesar das tantas alterações, conforme iam sendo determinadas, caminhava normalmente.

Voltando à questão da bolsa: não foi possível candidatar-se, devido a uma condição que barrava quem já tivesse certa contagem de tempo de serviço¹, o que, supostamente, indicava que não haveria o devido retorno para a sociedade, devido à possibilidade de aposentadoria dentro de “pouco tempo”; muito embora não seja raro ouvir servidores da própria universidade admitirem que estão fazendo um mestrado ou doutorado com o propósito de aposentar-se tão logo concluem.

Prosseguindo: numa reunião de orientação, de praxe, veio a **terceira surpresa**. O(a) professor(a) orientador(a) assumiu a atitude que fez lembrar vivamente o ocorrido por ocasião da entrevista/avaliação do projeto, em que se fizera representar por um(a) colega – elenco alterado, mas cena equivalente. Mais uma vez, sem conexão clara com princípios acadêmico-científicos, foi um espetáculo de desqualificação *pessoal*: “você isso... você não aquilo... você... você...”; não foram críticas ou recomendações específicas que indicassem questões na pesquisa ou na atuação acadêmica. Trocando em miúdos, pode-se dizer que foi isso: você é uma decepção, você não vale a pena; com justificativa, especialmente, nas várias alterações implementadas, que seriam prova de indecisão, de insegurança, enfim, de incompetência; se bem que teria sido mais apropriado dizer prova de obediência, considerando que foram alterações impostas.

Aqui, traço apenas um panorama desse percurso de um ano e meio. Haveria muito mais o que contar. Por exemplo, a decisão de desistir daquela disciplina optativa, para evitar confronto, diante do tratamento desgastante recebido do(a) professor(a); e cujo desfecho foi a ordem - do(a) orientador(a) – de retornar imediatamente e concluí-la; e assim foi feito, com o intuito, novamente, de não

¹ Transcrição de um Edital mais recente, referente a essa condição: “Carecer, quando da concessão da bolsa, do exercício laboral por tempo não inferior a vinte anos ou vinte e quatro anos para obter aposentadoria voluntária, conforme concorra à bolsa de doutorado ou mestrado, respectivamente;”

confrontar, nem o(a) orientador(a) nem o(a) professor(a) que fora “denunciar” a desistência. É a segunda vez, neste relato, que me refiro a hostilidade de professor(a) em relação a aluno(a), o que pode até parecer patético. Todavia, quem desconhece esse tipo de situação no meio acadêmico, não só foi privilegiado (poupado), como também distraído; porque acontece com lamentável frequência.

Diante da surpresa desgastante daquele espetáculo, e sem enxergar possibilidade de argumentar naqueles parâmetros, isto é, sem pontos claros a serem discutidos, retirou-se... refletiu, sem muita delonga... não atinou com uma alternativa de prosseguimento... compreendeu, tardiamente, que deveria ter avaliado o quesito “pessoas”, ao se inscrever para o processo seletivo, em vez de fantasiar que a ética e o profissionalismo prevalecem, como deveriam... Dentro desse quadro, vestiu a derrota e protocolou termo de desistência. Então, a **quarta surpresa**: o(a) orientador(a) telefonou – a cena agora, ainda sem uma conexão clara com a pesquisa, consiste em elogiar e em afirmar que seria “uma perda para o Programa”. E nesse tom, apresenta a alternativa de mudança de orientador(a). (Aparentemente – análise feita muito posteriormente – a intenção, com a cena anterior, não havia sido de “fritar”, mas sim de prosseguir “cozinhando” ainda; ou algum elemento novo provocou o telefonema.)

E eis que a criatura desavisada, com quem essa história aconteceu, acredita nessa oportunidade: mudar de orientador(a) e não perder aqueles três semestres de investimento no doutorado; sabia que envolveria mais trabalho, com as adaptações e os ajustes indispensáveis; mas, com os créditos em disciplinas já concluídos, minimiza-se a dificuldade de conciliação de tempo com o trabalho que, recentemente, passara ao regime de oito horas diárias (quando do ingresso, o regime formal era de seis horas diárias, com complementação informal em horários adaptáveis – o que facilitou a frequência às disciplinas).

Foi-se o(a) doutorando(a) a pleitear a orientação de um(a) professor(a) que tinha na mais alta conta, em termos de competência e de ética profissional. Depois de manifestar surpresa e a necessidade de conversar com o(a) professor(a) anterior, comunicou que aceitava. Primeira condição: fazer uma disciplina que oferecia no próximo semestre. Quanto à pesquisa, agendar-se-ia, oportunamente, reunião de orientação. Enquanto a reunião não ocorria, ajustes considerados pertinentes foram feitos, visando ao alinhamento com o(a) novo(a) orientador(a): mais material adquirido, estudado e utilizado. Mas o semestre terminou, sem que houvesse oportunidade para uma primeira reunião de orientação; apesar dos contatos por iniciativa do(a) orientando(a), dos diversos envios do trabalho, conforme ia sendo incrementado... disciplina feita... não houve reunião até o fim do semestre.

Terminadas as aulas, o(a) orientando(a) é chamado(a), e recebido pelo(a) professor(a) e por dois discentes, um doutorando e uma doutoranda. **Surpresa final: os discentes conduziram a discussão** (ao menos esta vez a pauta foi a pesquisa),

apontando alterações fundamentais. O que, inicialmente, foi proposto como estudo da escrita em português em nível de segundo grau; que, por determinação do(a) primeiro(a) orientador(a), mudara para escrita nos exames de proficiência em língua estrangeira; agora deveria focar alunos (não apenas seus escritos) da graduação em Letras. O principal problema quanto a essa nova alteração, seria de tempo. Dois anos já haviam se passado desde o ingresso; seria necessário submeter o projeto, depois de reformulado, ao Comitê de Ética, que levaria tempo para julgar; para realização da pesquisa envolvendo pessoas, mais tempo disponível seria exigido, devido às inevitáveis conciliações de horário dos envolvidos; tudo isso, com uma jornada de trabalho de quarenta horas semanais.

Os argumentos sobre a inviabilidade não foram aceitos. As tentativas para que se restringissem as alterações a outras questões, resguardando o objeto de estudo, foram em vão. Quanto ao(à) professor(a), limitou-se, basicamente, a presenciar. Então, era o fim da linha, definitivamente. Portanto, retirou-se, dizendo que iria pensar, mas já tendo pensado tudo o que podia. Novamente, e em definitivo, comunicou desistência.

Fica a dúvida se a intenção era ainda “cozinhar” por mais um tempo, até ficar provado que “não deu conta”; ou se esse já era o momento em que se pretendia mesmo “fritar”; o resultado foi que “fritou”.

Eis, sucintamente, um exemplo de como não fazer doutorado. Aconteceu com alguém que conheço, numa universidade que frequentei.

* & * & * & * & *